RGe ISSN: 2177-3246

O ESPORTE EM TEMPOS DE CRISE: REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO ESPORTIVO

SPORTS IN TIMES OF CRISIS: PRODUCTIVE RESTRUCTURING AND THE PRECARIOUSNESS OF SPORTS WORK

EL DEPORTE EN TIEMPOS DE CRISIS: REESTRUCTURACIÓN PRODUCTIVA Y LA PRECARIEZIDAD DEL TRABAJO DEPORTIVO

10.56238/revgeov17n4-151

Vinícius de Moraes Brasil
Professor
Instituição: Rede Pública Estadual do Estado do Rio Grande do Sul, Rede Pública Municipal de Santa Maria
E-mail: vinicius-dbrasil@educar.rs.gov.br

Fabrício Krusche Ramos
Professor
Instituição: Rede Pública Estadual do Estado do Rio Grande do Sul
E-mail: fabriciokramos14@hotmail.com

Maristela da Silva Souza
Professora Titular do Departamento de Desportos Individuais do Centro de Educação Física e Desportos
Instituição: Universidade Federal de Santa Maria
E-mail: maristela.souza@ufsm.br

RESUMO
O presente artigo analisa o fenômeno esportivo a partir das transformações no mundo do trabalho em contexto de crise estrutural do capitalismo. Parte-se do pressuposto de que o Esporte Moderno, especialmente em sua forma mais desenvolvida nos megaeventos, constitui-se como um complexo social profundamente articulado às dinâmicas de acumulação do capital. A investigação, fundamentada no referencial do materialismo histórico-dialético e nas contribuições de Mészáros (2011), Antunes (2009; 2018) e Anderson (1995), evidencia que a crescente mercadorização, espetacularização e financeirização do Esporte estão diretamente relacionadas aos processos de reestruturação produtiva e à hegemonia neoliberal.

Palavras-chave: Esporte. Mundo do Trabalho. Crise Estrutural. Megaeventos Esportivos.

ABSTRACT
This article analyzes the sporting phenomenon from the perspective of transformations in the world of work within the context of a structural crisis of capitalism. It starts from the premise that Modern Sport, especially in its most developed form in mega-events, constitutes a social complex deeply articulated with the dynamics of capital accumulation. The investigation, grounded in the framework of historical-

dialectical materialism and the contributions of Mészáros (2011), Antunes (2009; 2018), and Anderson (1995), shows that the increasing commodification, spectacularization, and financialization of Sport are directly related to processes of productive restructuring and neoliberal hegemony.

Keywords: Sport. World of Work. Structural Crisis. Mega-Sporting Events.

RESUMEN
Este artículo analiza el fenómeno deportivo desde la perspectiva de las transformaciones en el mundo del trabajo en el contexto de una crisis estructural del capitalismo. Parte de la premisa de que el deporte moderno, especialmente en su forma más desarrollada en los megaeventos, constituye un complejo social profundamente articulado con la dinámica de la acumulación de capital. La investigación, fundamentada en el materialismo histórico-dialéctico y en las contribuciones de Mészáros (2011), Antunes (2009; 2018) y Anderson (1995), demuestra que la creciente mercantilización, espectacularización y financiarización del deporte están directamente relacionadas con los procesos de reestructuración productiva y la hegemonía neoliberal.

Palabras clave: Deporte. Mundo del Trabajo. Crisis Estructural. Megaeventos Deportivos.

1 INTRODUÇÃO

O esporte, embora hoje seja abordado por diversas áreas do conhecimento e é objeto de análise em diferentes cursos e profissões, carece de uma análise mais profunda sobre suas relações com a sociedade em um âmbito geral, visto que ele alimenta uma poderosa indústria de entretenimento que projeta nessa cultura uma grande mobilização de recursos humanos e financeiros capazes de produzir e movimentar diversos setores da economia.

Neste sentido, o esporte, muitas vezes compreendido de modo isolado do contexto social fortalece o entendimento de um modelo esportivo que idealiza valores ou ideais que não condizem com a realidade tanto daqueles que praticam/vivem do esporte quanto daqueles que o consomem. O crescimento vertiginoso da mercadorização do esporte, principalmente no alto rendimento, introduz nessa prática a ideologia capitalista, competitiva, meritocrática, de falsa liberdade individual e "igualdade de chances" no campo esportivo. O que posto em análise logo é passível de questionamentos e contradições que na aparência muitas vezes ficam encobertos pelos interesses políticos e empresariais que dirigem e disseminam o esporte.

Por isso, ao propormos uma análise da discussão sobre o esporte no contexto da crise estrutural do capital necessitamos aprofundar o debate entrando no campo da totalidade das relações econômicas, políticas e sociais desenvolvidas no atual estágio da sociedade em que vivemos. Somente assim, podemos desvelar os reais desdobramentos dos efeitos da crise no âmbito esportivo, transformando esta cultura aos moldes dos interesses e necessidades de expansão do capital.

A complexidade do fenômeno esportivo frente a sua diversidade cultural nas mais diversas modalidades, no entanto, coloca-nos o problema do método de análise do nosso objeto de estudo, em que ao optarmos analisar o esporte a partir do materialismo-histórico-dialético entendemos que precisamos centrar nossa investigação naquilo que consideramos seu polo mais desenvolvido, neste caso, os megaeventos esportivos, em especial a Copa do Mundo de futebol, maior evento esportivo do mundo que espetacularia e comercializa a cultura esportiva do futebol, extraindo sínteses e determinações que influenciam todo o campo cultural do esporte moderno abrangendo suas mais diversas manifestações.

Segundo o método de análise da sociedade desenvolvido por Marx,

> A sociedade burguesa é a organização histórica mais desenvolvida, mais diferenciada da produção. As categorias que exprimem suas relações, a compreensão de sua própria articulação, permitem penetrar na articulação e nas relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, cujas ruínas e elementos se acham edificada, e cujos vestígios, não ultrapassadas ainda, levam de arrastão desenvolvendo tudo que fora antes apenas indicado que toma assim toda a sua significação, etc. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco. O que nas espécies inferiores indica uma forma superior não pode, ao contrário, ser compreendido, senão quando se conhece a forma superior (MARX, 1982, p.17).

Nesta passagem do clássico texto de Marx é possível compreender a ideia do que significa "o mais desenvolvido". Os fenômenos surgem e se desenvolvem, passando por transformações e tendo relações com outros fenômenos. Nesse processo, também o esporte, fenômeno surgido com o advento da sociedade capitalista, em sua manifestação mais desenvolvida é apresentado na forma dos megaeventos esportivos. O futebol, por exemplo, esporte expresso na Copa do Mundo gerida pela FIFA, é obviamente diferente em sua manifestação nas praças públicas, peladas no meio da rua, canchas escolares, marcações na areia, etc. Apesar disso, essas diferentes manifestações do futebol têm referência nas praticas futebolísticas disseminadas pelo futebol profissional, de alto rendimento, expresso nos megaeventos esportivos que penetram no imaginário popular incentivando e cultuando uma prática esportiva que é para poucos, mas permeada pela ideologia capitalista, meritocrática, seletiva e individualista.

Desse modo, buscamos entender o esporte no contexto da crise estrutural do capitalismo e os processos de reestruturação produtiva que impactam as relações de trabalho no campo esportivo. Para tanto, o referencial teórico que fundamenta este estudo esta embasado nas produções de MÉSZÁROS (2011), sobre crise estrutural do capitalismo, de Anderson (1995), sobre as transformações do neoliberalismo e, por fim, de Antunes (2009, 2018) sobre a reestruturação produtiva e a reorganização do mundo do trabalho.

2 MARCO TEÓRICO E CONCEITUAL

Para Mészáros (2011), a crise estrutural acaba por afetar a totalidade de um complexo social e seus sub complexos, diferente de uma crise não estrutural que atinge apenas algumas partes do complexo em questão, não pondo em risco a sobrevivência de sua estrutura global. Neste sentido, necessitamos entender que o sistema do capital se sustenta, conforme o autor, em três dimensões: **produção-consumo-circulação**/distribuição/realização as quais interagem entre si, impulsionando o capital, ampliando-o, sendo um verdadeiro sistema de autopropulsão, em que cada uma destas dimensões depende da outra.

Na medida em que as crises atingem o sistema, estas três dimensões dão conta de se reorganizar, buscando superar as problemáticas que paralisam a expansão do capital, e superar o que o autor denomina de "*limites imediatos*", não existindo, portanto, qualquer crise estrutural enquanto este mecanismo de autoexpansão esteja vigorando perfeitamente. No entanto há para Mészáros uma falha neste mecanismo a partir de elementos que discorre logo em frente, e que não dá mais conta de deslocar as contradições do capital de um complexo para o outro, conforme as saídas engendradas por este mecanismo das crises anteriores. Agora necessita buscar alternativas para administrar a crise estrutural que se apresenta dentro de quatro aspectos para Mészáros:

> 1) Seu caráter é universal, em lugar de restrito a uma esfera particular (por exemplo, a financeira ou comercial, ou afetando este ou aquele ramo particular de produção, aplicando-se a este e não aquele tipo de trabalho, com sua gama específica de habilidades e graus de produtividade etc.);
> 2) Seu alcance é verdadeiramente global (no sentido mais literal e ameaçador do termo), em lugar de limitado a um conjunto particular de países (como foram todas as principais crises no passado);
> 3) Sua escala de tempo é extensa, contínua, se preferir, permanente, em lugar de limitada e cíclica, como foram todas as crises anteriores do capital;
> 4) Em contraste com as erupções e os colapsos mais espetaculares e dramáticos do passado seu modo de se desdobrar poderia ser chamado de rastejante, desde que acrescentemos a ressalva de que nem sequer as convulsões mais veementes ou violentas poderiam ser excluídas no que se refere ao futuro: a saber, quando a complexa maquinaria agora ativamente empenhada na "administração da crise" e no "deslocamento" mais ou menos temporário das crescentes contradições perder sua energia. (Mészáros, pg. 796, 2011).

Tendo essa configuração, a crise estrutural acabou por afetar diretamente os mecanismos de ajustes do capital para transferir suas crises de um polo para outro do complexo social, o que se apresentava dentro dos seus limites imediatos através de "disfunções", "contradições parciais", tornavam-se difusas dentro dos limites últimos ou estruturais do sistema sendo neutralizadas, assimiladas, anuladas pelas forças e tendências contrárias, que podem ser transformadas em força que sustenta o sistema em questão conforme (MÉSZÁROS, 2011).

Portanto a maquinaria do sistema está hoje empenhada em "administrar sua crise" ao invés de como no passado, simplesmente transferi-la para outro polo. O capital impulsionado pelo seu mecanismo e sustentado pelo tripé capital-estado-trabalho assalariado necessita na atualidade que todo este aparato esteja a favor de sua sobrevivência, não abrindo margem para concessões que afrontem esta dinâmica societal, adequando as políticas dos mais diversos governos aos seus anseios. Agindo inclusive com políticas assistencialistas que buscam de alguma forma atenuar a crescente desigualdade social, mas que em contrapartida, não alteram a estrutura do sistema e acabam por manter a reprodução da ordem vigente.

De modo que, no campo político ideológico o neoliberalismo foi levado à risca, principalmente após a crise da década de 1970 (crise do petróleo), tendo como principais precursores de tal política Margareth Thatcher e Ronald Reagan, que através da destruição do estado de bem estar social, trataram de retirar direitos dos trabalhadores, desregulamentar os mercados, e entregar para a iniciativa privada setores industriais inteiros. Todos estes ataques buscavam atingir diretamente a organização dos trabalhadores que de certo modo acessavam a bens e serviços essenciais como saúde, educação, previdência social de forma pública e gratuita. O que encontrava respaldo inclusive na legislação trabalhista. Vale lembrar que o estado de bem estar social não se consolida em países como o Brasil, por exemplo, fica restrito aos países centrais do capitalismo, principalmente da Europa e nos Estados Unidos.

Desdobramento da crise estrutural do capital, a doutrina neoliberal, para Anderson (1995) tem largo curso histórico, vai defrontar-se progressivamente com obstáculos crescentes, pois o êxito de

suas políticas consiste em conseguir no plano social, uma crescente desigualdade, para que o capital privado possa explorar ao máximo a classe trabalhadora, ampliando suas taxas de lucro, e abrindo margem para que o governo em contrapartida dê condições dos menos favorecidos, através do assistencialismo, adentrarem nesta brutal competição.

No campo do mundo do trabalho, Antunes (2009) aponta que a crise estrutural tem como expressão fenomênica o esgotamento dos padrões de acumulação Taylorista/Fordista, na medida em que a retração do consumo não conseguia ser absorvida pela produção em larga escala, a qual atrelada a crescente organização dos trabalhadores nos sindicatos massa, fazia com que a classe trabalhadora tivesse ampla capacidade reivindicatória, o que dificultava o avanço do capital. Neste sentido, o capital engendra como resposta neste campo a formação de um novo tipo de trabalhador, processo este atrelado ao incremento da robótica e da microeletrônica no processo produtivo, o qual enxuga a mão de obra, intensifica a sua exploração, e flexibiliza a produção, reduzindo seus custos e contribuindo ao reestabelecimento das taxas de lucro.

Mészáros (2011) acrescenta que os avanços na produtividade inevitavelmente alteram o padrão de consumo, bem como a maneira pela qual serão utilizados tanto os bens a serem consumidos como os instrumentos com os quais serão produzidos. Desta forma o capital trabalha cada vez mais com o imaginário do trabalhador, com o que denomina Marx de fetiche da mercadoria, dotando as mesmas de poderes, por mais supérfluas que sejam. Tudo para que sejam consumidas. Também remodela a força de trabalho, intensifica a exploração do trabalho, que requer novas competências e habilidades, que são necessárias à recomposição do ciclo expansivo do capital.

Diante deste cenário, no campo esportivo, observamos que atualmente os megaeventos esportivos desconhecem fronteiras, assim como as transnacionais que se esparramam mundialmente. Sua estrutura organizativa via instituições esportivas, entre elas, FIFA e COI, as mais poderosas, administram o esporte com mãos de ferro, assemelhando-se aos grandes monopólios detentores dos mais diversos ramos da produção. No campo institucional do esporte, a FIFA controla o esporte mais popular do mundo, o futebol. Já o COI organiza inúmeras associações e federações dos esportes olímpicos, em prol da consigna “o mais rápido, o mais alto, o mais forte”, alimentando um padrão esportivo enraizado na competição e estilo de vida capitalista (SIMSON E JENNINGS, 1992).

A fim de visualizarmos a proporção que o esporte moderno tomou, podemos observar a dimensão da Copa do Mundo FIFA 2026, que será o maior torneio da história das copas com 48 seleções, 104 partidas realizadas em 16 cidades-sede, em três países (Estados Unidos, México e Canadá), atraindo 6,5 milhões de espectadores ao longo da competição. Além disto, estima-se que os

volumosos lucros produzidos pelos jogos podem gerar US$ 40,9 bilhões em produto econômico global e sustentar cerca de 824 mil empregos em tempo integral em diversos países do mundo[1].

Esses números expressivos apresentados revelam aparentemente o grande sucesso da Copa do Mundo em termos financeiros, entretanto encobrem a realidade do contexto esportivo produzido pelos profissionais do futebol, nas suas mais diversas áreas de trabalho e regiões do mundo. A projeção astronômica de lucro produzida pelos megaeventos esportivos não se desdobra em melhorias para o conjunto dos trabalhadores do esporte, nem mesmo para a infraestrutura esportiva voltada ao lazer para as cidades. O que podemos observar a partir da realização deste megaevento é a utilização da cultura esportiva do futebol como uma vitrine para a propaganda, comércio e venda de um espetáculo em que a maioria assiste, consome e torce enquanto uma minoria lucra, vende e propaga sua ideologia e estilo de vida.

Como podemos constatar o esporte atualmente passa por amplo processo de mercadorização, em que o capital intensifica a organização de seus negócios através da crescente exploração dos atletas, da profissionalização dos clubes, das seleções e sua associação enquanto empresas vendedoras do esporte. Nesse sentido, o Esporte Moderno institucionalizado e transformado em espetáculo pela indústria esportiva se desenvolve na sociedade à medida que profissionaliza suas relações de trabalho no campo esportivo, adotando modelos de gerenciamento que empresariam e mercadorizam esta manifestação da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 2005), incutindo neste fenômeno a lógica de desenvolvimento capitalista que acaba por determinar as relações sociais e de trabalho que envolve a realização do esporte.

A partir destes apontamentos sobre o fenômeno esportivo, é possível percebermos que o Esporte Moderno possui um caráter global de desenvolvimento centralizado pelas instituições esportivas que coordenam e administram as maiores competições em nível mundial, estabelecendo a partir dele relações com as mais diversas áreas e ramos da economia, produzindo megaeventos esportivos em conjunto com países e governantes interessados politicamente em desenvolver o espetáculo em suas regiões.

2.1 DEFINIÇÕES OPERACIONAIS

Para aprofundar nossa análise sobre a crise e seus desdobramentos no esporte, concentramos nossa investigação no campo do mercado de trabalho do esporte, a partir da década de 1970, retomando dados/transformações da realidade vivida por aqueles que produzem o espetáculo principal, o jogo de futebol.

1 Os dados expostos neste parágrafo foram obtidos em Reportagem do jornal “Lance!” disponível em: https://www.lance.com.br/lancepedia/impacto-economico-da-copa-do-mundo-2026.html Acessado em: 12/04/2026 às 23h14min.

É fato que o futebol, tal como assim veio a ser chamado, surgiu na Inglaterra, conforme se pode ver na passagem a seguir:

> Aproximadamente desde o século XIV em diante podem encontrar-se, nas fontes inglesas, referências bastante seguras a um jogo de bola chamado futebol, mas a semelhança do nome não autoriza, de modo algum, a identificação do próprio jogo. Tudo o que sabemos sobre a maneira como era jogado sugere um tipo de jogo muito diferente (ELIAS, DUNNING, 1992. p.257).

O futebol ou uma prática com esse nome que se perpetuou, portanto, nasceu ou tomou essa nomenclatura e forma de prática, mais ou menos fidedigna às suas manifestações atuais, ainda no período medieval, anterior às chamadas grandes navegações no processo de acumulação primitiva do capital.

Os autores também referem que essa era uma prática proibida pelo Estado – e, ainda assim, praticada pelas pessoas a despeito dessas proibições.

> a maioria das alusões ao futebol provém quer das proibições oficiais do jogo, nos edictos reais e das autoridades cívicas quer de relatos de acções na corte contra **pessoas que infringiram a lei pelo facto de o praticarem apesar das proibições**. Quanto ao tipo de jogo efectuado nesse tempo, sob o nome de futebol, nada pode ser mais revelador do que as constantes e, em geral, bastante infrutíferas tentativas do Estado e das autoridades locais para o suprimirem (p.257 – grifos nossos)

Era também uma prática ligada a festividades anuais e, pelos relatos, bastante violenta[2]:

> O futebol de Terça-Feira Gorda, uma contenda ritualizada e, de acordo com as nossas noções, **uma luta muito violenta** entre grupos vizinhos, é um exemplo notável desta compatibilidade entre actividades saturadas de emoção, que, segundo os padrões actuais, parecem ser incompatíveis [. . .] O futebol medieval constituía uma parte do ritual tradicional. **Pertencia ao cerimonial da Terça-Feira Gorda**, o que, em certa medida, era um cerimonial da Igreja associado ao ciclo global dos dias santos e feriados (p.265 – grifos nossos)

A passagem a seguir, que relata uma notícia de época, retrata bem o caráter religioso do futebol em seus primórdios:

2 Sobre a violência de sua prática, vale conferir a passagem entre as páginas 270 e 274, em que aparece um jogo relatado no ano de 1602 chamado hurling, semelhante ao futebol e que o influenciou (ELIAS, DUNNING, 1992, p.270-274).

> Uma notícia de Corfe Castle, Dorsetshire, datada de 1553, mostra com maior detalhe alguns aspectos do tipo de ritual popular que estava integrado num jogo de futebol. Anualmente, a Corporação de Homens Livres Marmoristas ou Trabalhadores das Pedreiras jogava futebol, como parte de um complexo integrado de várias cerimónias, nos três dias de Entrudo[3]. A corporação de oficiais era eleita e os aprendizes eram então iniciados. Cada membro que tivesse casado no ano anterior pagava um «xelim de casamento», o que, no caso da morte do marido, concedia à viúva o direito de ter aprendizes a trabalhar para ela. Contudo, o homem que se tivesse casado em ultimo lugar era perdoado do pagamento do xelim. Em vez disso, tinha de fornecer uma bola de futebol. Então, **no dia seguinte, Quarta-Feira de Cinzas, a bola de futebol era levada ao senhor do feudo**, sendo-lhe oferecida uma libra de pimenta, como forma de pagamento habitual, relativamente a um direito de passagem que a Corporação reclamava. Quando a oferta de pimenta se concluía, realizava-se um jogo de futebol no terreno pelo qual a Corporação exigia esse direito (267-268 – grifos nossos).

Os estudos de Norbert Elias e Eric Dunning (1992) citados relatam e comentam as primeiras aparições, portanto, do futebol como referência a uma prática popular, ligada à religiosidade, violenta, proibida, de resistência e que tem já cerca de cinco séculos. Existem documentos de reis e outras autoridades estatais que desautorizavam as pessoas a praticarem essa atividade. E – mais importante do que isso – existem também documentos oficiais que mostram que as pessoas continuavam praticando, apesar das proibições. A depender das ideias dominantes à época, essa prática teria sido banida, não fosse à resistência das pessoas em realizá-la, o que nos permite considerar que era uma manifestação de resistência popular contra a ordem. Isso tem um lado muito positivo: o futebol era uma prática de resistência! Se não fossem aquelas pessoas que seguiram praticando e inventando novas formas de viver o futebol, quem sabe não o conhecêssemos hoje! Fica, então, a pergunta: será que o futebol e seus/suas praticantes ainda conservam essa ideia de resistência contra a ordem? É, portanto uma atividade que é parte da cultura corporal socialmente produzida, historicamente acumulada e crítica e criativamente desenvolvida pela humanidade.

Foi, portanto, com a ascensão da sociedade burguesa que ascendeu também o futebol – e o "esporte" em geral como os conhecemos atualmente. No entanto, a crescente mercadorização e espetacularização do esporte expressa através dos Megaeventos Esportivos revela a sua face mais diretamente ligada à moderna indústria esportiva, a qual, em conjunto com as instituições esportivas, detém o monopólio do esporte moderno, e têm como instituições hegemônicas a FIFA e o COI.

Em seu desenvolvimento o esporte moderno foi lapidado a condição de mercadoria, e ao forjar uma instituição e uma indústria própria assume para si os valores do jogo capitalista, competição, lucro, recorde, individualismo, máximo rendimento, e a espetacularização se tornam regras para a construção desse modelo esportivo. Ao ser levado à condição de mercadoria, o esporte assumiu para si os métodos e os valores necessários à acumulação capitalista como falamos anteriormente.

3 Entrudo pode se referir ao período dos festejos de carnaval, pois era como se chamava quando os portugueses trouxeram esse costume ao Brasil e também pode se referir à própria prática, como jogo ou brincadeira (ainda não adquirido o seu atual caráter desportivizado, portanto), do futebol.

Isto é comprovado na relação atleta-clube em que o jogador é visto como uma peça de reposição, com um valor de uso semelhante a uma mercadoria descartável, e que pode ser lapidado para construir nesta mercadoria um grande valor de troca. Desta forma, os clubes possuem profissionais que irão racionalizar a atividade produtiva destes jogadores, ou seja, sua forma de jogar. Colocando o atleta a serviço da extração do máximo rendimento físico, técnico e tático gerando resultados satisfatórios e lucrativos para os empresários da bola.

Observa-se a crescente formação de jogadores como mão de obra barata nos países periféricos do capitalismo. Esses, cada vez mais jovens vão para os países centrais da economia mundial abandonando estudos e famílias, na busca do sonho de ser um grande e milionário craque de futebol. Alimentando assim os verdadeiros monopólios do futebol que dominam esta cultura esportiva, espetacularizando o esporte e levando-o cada vez mais para longe da apropriação dos trabalhadores, que viram meros telespectadores, alienados e fetichizados pela produção de heróis, mitos, e subprodutos da crescente indústria esportiva.

O processo de mercadorização do esporte também influencia na própria configuração do jogo, fazendo com que o esporte assuma para si as demandas da indústria capitalista requisitando uma mão de obra qualificada para atender a necessidade de constantemente elevar as taxas de lucro. Por exemplo, nos anos 60, auge dos modelos Taylorista e Fordista de produção, os quais exigiam trabalhadores altamente especializados em uma determinada função, os jogadores de Futebol possuíam funções ou posições bem definidas no campo.

Observamos isto na prática, pois eram comuns os jogadores de futebol ser extremamente habilidosos em algumas funções do campo, podemos citar o exemplo de Pelé, considerado o “rei” do futebol na época e, hoje, dos empresários. Pelé era um jogador com capacidades ofensivas incomparáveis, mas não possuía grandes habilidades defensivas, podendo assim, fazermos a comparação deste trabalhador do futebol, com o operário da fabrica, ou seja, possuidor de algumas habilidades, porém, estas de extrema eficácia e especialidade.

Dentro desta perspectiva de análise, podemos citar outros exemplos que se reportaram do mundo do trabalho para a cultura esportiva do futebol. Se analisarmos a função do goleiro da época, visualizamos que o mesmo somente podia jogar dentro da área, e com as mãos, o que nos remete novamente ao tipo de trabalhador requerido pelo modelo Taylorista/fordista, sendo um trabalhador específico para cada função e altamente especializado na mesma. Estas comparações não ficam somente no campo prático do futebol, e transpassam para o campo das regras. Estas também exigiam ou direcionavam os jogadores a se adequarem a determinadas funções na maioria dos casos, o goleiro não podia receber a bola com os pés após um recuo, e também não podia sair da área jogando. Era raro ver um goleiro cobrando falta, penalidades, como nos dias de hoje.

Dentro do futebol começa a verificarem-se estas mudanças decorrentes do mundo do trabalho, principalmente a partir da copa de 74 na Alemanha, em que a seleção da Holanda protagonizou uma das maiores transformações no campo técnico tático do futebol, a laranja mecânica, como ficou conhecida na época. Essa encantou o mundo com um padrão de jogo que exigia a movimentação de todos os jogadores por todos os setores do campo, o que ficou conhecido como Carrossel Holandês. Mas fora os aspectos técnicos táticos, nosso objetivo é ir mais afundo nesta análise, e revelar que estas mudanças não são decorrentes única e exclusivamente do próprio futebol, e sim de modificações advindas do plano mais geral da sociedade. Além de inovar, o futebol holandês lançou para o mundo um novo modelo de se jogar, um modelo que exige a polivalência e flexibilidade dos jogadores de futebol, em que é exigido de todos o máximo conhecimento das mais distintas funções/ posições dentro de campo.

É a partir deste momento que as mudanças do mundo do trabalho, começam a ser transportadas com mais força para dentro do futebol que assume cada vez mais sua condição de mercadoria. Podemos perceber que toda esta movimentação não demora a se disseminar para outras seleções, como é o caso da seleção brasileira de 1982, comandada por Telê Santana.

Esta fase de transição vivida no futebol gera uma série de questionamentos e desconfianças por parte dos torcedores e da mídia esportiva. Quem não se lembra da famosa briga de Telê Santana, técnico da seleção brasileira na copa de 82 com a torcida brasileira e a mídia esportiva, em que sofreu duras críticas por retirar da seleção a figura tradicional dos pontas.

"Bota Ponta, Telê" cobrava o personagem de Jô Soares[4] ao técnico da seleção. O personagem de Jô Soares não havia entendido que os esquemas táticos mudaram e que em nenhum momento o treinador brasileiro havia retirado os “pontas” da seleção, pois o futebol continuava com onze jogadores em campo. O que realmente ocorreu foi que o futebol estava passando por significativas mudanças e necessitava atribuir aos jogadores novas funções, em que os “pontas” ficaram encarregados de além de atacar pelas pontas, defender pelas pontas também sustentando desta forma um maior equilíbrio da equipe na relação entre atacar e defender. Mas Telê fez uma seleção competitiva e que jogava bonito. A seleção de 1982 é considerada uma das três melhores seleções brasileiras de todos os tempos, atrás das de 1958 e 1970.

É perceptível hoje que o futebol passou por grandes modificações. Podemos notar isto nos próprios jogadores modernos que são extremamente polivalentes, jogando em diversas posições do campo, por exemplo, um dos melhores jogadores do mundo na atualidade, o argentino Lionel Messi. Ele é um jogador extremamente completo no que diz respeito a suas funções táticas no campo, arma jogada no setor do meio campo, finaliza no setor ofensivo, e desarma no setor defensivo.

4 Humorista brasileiro que interpretava o personagem Zé da Galera no Programa Viva o gordo exibido na rede Globo de televisão nos anos 1980.

Os goleiros hoje têm atuado como um marcador a mais na zaga trabalhando na cobertura dos zagueiros. No futebol atual não há mais espaço para goleiros que não saibam jogar com os pés, é extremamente necessário que possuam estas habilidades para se inserir no mundo do futebol.

Percebemos o quanto os modelos de produção e seus métodos, inserem-se no sistema esportivo, no sentido de avançar, também neste âmbito, com a sua lógica de formação profissional que é produzida no sentido de servir ao movimento do capital.

Assim como, no mercado de trabalho, o sistema esportivo também adere à lógica de maneira hegemônica e se coloca a disposição de uma cultura esportiva que não prioriza o esporte como um bem cultural que pertence a todos, tudo em nome de um mundo do trabalho que privilegia os ditames do capital. E procura a todo momento a extração do máximo rendimento, este atrelado diretamente a ampliação e valorização do capital.

Ao longo deste período de grandes transformações no mundo do trabalho, é possível identificar uma série de mudanças nas relações de trabalho no campo esportivo como o avanço da legislação trabalhista na área esportiva[5], a modernização dos clubes e campeonatos, o crescimento da midiatização do esporte via mídia televisiva, a ampliação de políticas públicas voltadas ao esporte que é inserido nos programas governamentais e na própria Constituição Federal de 1988[6].

Estas mudanças no campo esportivo impulsionaram o crescimento do esporte no país, mas acabaram em nosso entendimento em privilegiar o modelo esportivo de alto rendimento enraizado na cultura do espetáculo que vende uma ideologia enraizada nos valores capitalistas a partir do esporte mascarando a realidade de precarização do trabalho, baixos salários e desemprego no ambiente esportivo. Um exemplo disso é a identificação de um crescimento da desigualdade salarial e regional no mercado de trabalho esportivo, perpetuando um cenário em que uma minoria recebe salários milionários enquanto a maioria vive com baixos salários e condições precárias de trabalho.

Segundo Martins e Reis (2025), o perfil da distribuição salarial no mercado de trabalho no futebol manteve-se praticamente inalterado ao longo de cinco décadas (1971 a 2015). Isso é constatado, segundo as autoras, por meio da frequência relativa de jogadores da categoria que recebiam entre R$ 994,56 e R$ 1630,00, neste período de 50 anos, em que essa faixa salarial representou cerca de 81,56% do total de trabalhadores da categoria.

Ao atualizarmos essa análise com dados recentes, verificamos que essa estrutura desigual não apenas se mantém, mas se aprofunda. Dados de 2024 indicam que aproximadamente 55% dos jogadores profissionais no Brasil recebem menos de um salário mínimo, enquanto apenas cerca de 0,12% atingem rendimentos superiores a R$ 200 mil mensais (SPORTINGBET, 2024). Tal

5 Em 1976 a Lei do Passe estabeleceu legalmente a profissão jogador de futebol, garantindo alguns direitos aos atletas sob sua transferência, porém mantendo os direitos federativos sobre tutela do clube. Em 1998, a Lei Pelé, definiu a extinção do passe, dando ao atleta o poder de negociar seu próximo clube ao final do contrato.
6 O Artigo 217 da Constituição federal de 1988 é o principal dispositivo que trata do esporte no Brasil.

distribuição evidencia uma concentração extrema de renda, reforçando o caráter excludente do mercado de trabalho esportivo.

Além disso, a inserção do futebol brasileiro na economia global intensificou os fluxos de circulação de atletas como mercadorias. Em 2024, o Brasil foi o país que mais realizou transferências internacionais de jogadores, com cerca de 2.350 negociações, movimentando aproximadamente R$ 6,8 bilhões (FIFA, 2024; INFOMONEY, 2024). Esse dado revela o papel do país como grande exportador de força de trabalho esportiva, inserido de maneira subordinada na divisão internacional do trabalho esportivo.

Outro elemento que evidencia a atual dinâmica do trabalho no esporte refere-se à crescente financeirização e regulação econômica dos clubes. A implementação recente de mecanismos como o Fair Play Financeiro no Brasil, com regras para controle de gastos e endividamento dos clubes, demonstra a tentativa de adequação do esporte às exigências do capital financeiro contemporâneo (CBF, 2023). Entretanto, tais medidas não necessariamente implicam melhorias nas condições de trabalho dos atletas, mas sim na sustentabilidade econômica das instituições esportivas.

No plano social, também se observam contradições que atravessam o campo esportivo. O aumento de quase 40% nos casos de racismo registrados no futebol brasileiro em 2023 evidencia que o esporte não está dissociado das expressões de desigualdade e opressão presentes na sociedade (OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL, 2024). Esses dados reforçam a necessidade de compreender o esporte como um espaço de reprodução de relações sociais mais amplas, inclusive no que se refere às questões de raça, gênero e classe.

Ademais, a disparidade entre os rendimentos dos atletas de elite e a população em geral tem se ampliado significativamente. Entre 2020 e 2024, os salários dos jogadores da elite cresceram de forma muito superior à renda média dos trabalhadores brasileiros, ampliando o fosso social e evidenciando o caráter concentrador da indústria esportiva (FOLHA DO BICO, 2024). Tal discrepância explicita o caráter profundamente desigual da indústria esportiva contemporânea.

Esses elementos permitem compreender que o esporte, particularmente o futebol, opera hoje como um espaço privilegiado de expressão das transformações do capitalismo contemporâneo, articulando processos de globalização, financeirização, precarização do trabalho e produção de desigualdades. Assim, as definições operacionais aqui adotadas partem da compreensão do esporte não apenas como prática cultural, mas como setor econômico inserido na lógica de acumulação do capital, no qual os trabalhadores — atletas e demais profissionais — estão submetidos às mesmas dinâmicas de exploração e instabilidade presentes em outros setores produtivos.

3 ANÁLISE COMPARATIVA DE POLÍTICAS

Percebe-se que o fenômeno esportivo tem sido atravessado por profundas transformações nas últimas décadas, especialmente a partir dos anos 1970, período marcado pela reestruturação produtiva do capitalismo e pela ascensão de políticas de orientação neoliberal. No contexto contemporâneo, tais mudanças se intensificam com a financeirização do esporte, a globalização dos mercados e a crescente centralidade do espetáculo esportivo como mercadoria, impactando diretamente a organização do trabalho e as condições de vida dos atletas (ANTUNES, 2009; PRONI, 1998).

No futebol brasileiro, esse processo torna-se ainda mais evidente quando observamos os dados recentes. Em 2024, os 20 principais clubes do país atingiram um recorde histórico de receitas, somando aproximadamente R$ 10,9 bilhões, com crescimento de cerca de 22% em relação ao ano anterior (SPORTS VALUE, 2024). Paralelamente, o Brasil liderou o mercado global de transferências internacionais em 2026, com quase R$ 1 bilhão investido apenas na janela de janeiro (GLOBO ESPORTE, 2026), evidenciando o fortalecimento econômico e a centralidade do país no circuito mundial do futebol.

Entretanto, esse crescimento econômico não se distribui de forma homogênea entre os trabalhadores do setor. Ao contrário, ele aprofunda desigualdades estruturais já historicamente presentes. Dados recentes indicam que cerca de 55% dos jogadores no Brasil recebem menos de R$ 1.000 mensais (INDEED, 2024), enquanto apenas uma fração ínfima atinge salários elevados. Além disso, estimativas atuais apontam que a média salarial da profissão varia entre R$ 4 mil e R$ 11 mil (QUERO BOLSA, 2024), valores que contrastam fortemente com os salários da elite.

Essa desigualdade torna-se ainda mais evidente quando analisamos o topo da pirâmide: em 2025, jogadores da Série A chegaram a receber entre R$ 2 milhões e R$ 3 milhões mensais (ARENA EC, 2025), com crescimento significativo impulsionado por patrocínios e bônus de desempenho. Ademais, clubes como Flamengo e Palmeiras ultrapassaram R$ 500 milhões anuais em gastos com salários (CNN BRASIL, 2024), evidenciando forte concentração de recursos em poucas equipes.

Outro elemento recente importante é o elevado nível de endividamento dos clubes brasileiros, que ultrapassa R$ 12 bilhões (SPORTS VALUE, 2024), revelando um modelo de crescimento que combina expansão financeira com instabilidade estrutural. Assim, observa-se que a lógica de mercado que orienta o futebol brasileiro privilegia a competitividade e o lucro, mas não garante sustentabilidade nem justiça social no interior da categoria.

Do ponto de vista das políticas esportivas, esse cenário evidencia uma contradição central: enquanto há avanços significativos na profissionalização da gestão, na ampliação das receitas e na inserção internacional do futebol brasileiro, persistem lacunas importantes na regulação do trabalho esportivo. A atuação de entidades como a Confederação Brasileira de Futebol demonstra limites na

implementação de políticas que assegurem direitos trabalhistas, estabilidade contratual e distribuição mais equitativa da renda gerada pelo espetáculo esportivo (PRONI, 1998).

Além disso, o futebol contemporâneo apresenta características típicas da reestruturação produtiva: intensificação do trabalho, aumento da exigência por desempenho e ampliação das competências requeridas dos atletas. Nesse contexto atual, o jogador passa a ser demandado também em dimensões midiáticas, digitais e de marketing pessoal (como presença em redes sociais e construção de imagem pública) (GASTALDO, 2005), inserindo-se em uma lógica de alta performance permanente. Esse processo está diretamente associado à precarização estrutural do trabalho, na medida em que combina exigências crescentes com baixos níveis de proteção social para a maioria (ANTUNES, 2009).

Por fim, é importante destacar que as políticas esportivas atuais tendem a privilegiar o esporte de alto rendimento e sua inserção no mercado global, em detrimento de políticas voltadas à base da pirâmide esportiva. Essa tendência se aprofunda no cenário recente com a consolidação das SAFs (Sociedades Anônimas do Futebol), que ampliam a lógica empresarial e a entrada de capital privado no futebol brasileiro (BRASIL, 2021), reforçando desigualdades internas e limitando a construção de um sistema esportivo mais democrático. Assim, apesar do crescimento econômico expressivo e da modernização organizacional do futebol brasileiro, os dados atuais revelam que a precarização e a desigualdade continuam sendo elementos estruturantes do trabalho esportivo.

4 CONCLUSÕES

À luz das contribuições de Mészáros (2011), é possível afirmar que o esporte, enquanto complexo social, não se encontra à margem da crise estrutural do capital, mas, ao contrário, expressa de maneira particular suas determinações mais amplas. A universalização, o caráter global e a permanência dessa crise se manifestam no campo esportivo por meio da intensificação da mercadorização, da financeirização e da subordinação crescente das práticas esportivas à lógica da valorização do valor.

Nesse contexto, conforme argumenta Antunes (2009; 2018), a reestruturação produtiva e a hegemonia do ideário neoliberal incidem diretamente sobre o mundo do trabalho esportivo, produzindo novas formas de exploração marcadas pela flexibilização contratual, pela intensificação do trabalho e pela ampliação da insegurança laboral. No caso dos atletas de futebol, tais transformações se materializam tanto na exigência de maior polivalência e desempenho quanto na instabilidade das carreiras e na ausência de garantias efetivas para a maioria dos profissionais.

Ademais, a análise evidencia que o desenvolvimento do esporte sob a égide do capital se realiza de forma contraditória, na medida em que a expansão econômica do setor — impulsionada por megaeventos, contratos de transmissão e estratégias de marketing global — não se traduz em melhoria

das condições de vida e trabalho dos sujeitos que produzem esse espetáculo. Tal contradição reforça a tese de que o crescimento econômico, nos marcos do capitalismo, está intrinsecamente associado à concentração de riqueza e à reprodução das desigualdades sociais.

Outro aspecto central refere-se ao papel ideológico desempenhado pelo esporte contemporâneo. Ao difundir valores como meritocracia, individualismo e competitividade, o campo esportivo contribui para a naturalização das desigualdades estruturais, operando como mecanismo de legitimação da ordem vigente. Nesse sentido, o sucesso de uma minoria de atletas altamente remunerados é amplamente explorado como representação do "triunfo individual", obscurecendo as condições concretas da maioria, que vivencia processos de precarização e exclusão.

Diante desse quadro, torna-se imprescindível avançar na construção de uma leitura crítica do esporte que o compreenda como parte da totalidade social, conforme orienta o método materialista histórico-dialético. Tal perspectiva permite desvelar as mediações entre o fenômeno esportivo e as dinâmicas do capital, evidenciando que suas contradições não são contingentes, mas estruturais.

Por fim, destaca-se a necessidade de fortalecimento de políticas públicas e formas de organização coletiva no campo esportivo que enfrentem a lógica da precarização, ampliem direitos trabalhistas e promovam condições mais equitativas para os profissionais da área. Mais do que isso, aponta-se para a urgência de ressignificar o esporte enquanto prática social, resgatando seu potencial formativo, cultural e emancipador, em contraposição à sua redução à condição de mercadoria.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. *Balanço do neoliberalismo*. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (org.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRASIL. Lei nº 14.193, de 6 de agosto de 2021. Institui a Sociedade Anônima do Futebol (SAF). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 2021.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 2005.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF). *Regulamentação e diretrizes econômicas do futebol brasileiro (Fair Play Financeiro)*. Rio de Janeiro: CBF, 2023.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Maria Manuela Almeida e Silva (trad.). Lisboa: Difel, 1992.

FIFA. *Global Transfer Report 2024*. Zurique: Fédération Internationale de Football Association, 2024.

GASTALDO, Édison. *A cultura do futebol: mídia, sociedade e espetáculo*. São Paulo: Annablume, 2005.

GLOBO ESPORTE. Brasil lidera ranking global de transferências em 2026. 2026. Disponível em: https://ge.globo.com. Acesso em: 12 abr. 2026.

INFOMONEY. Brasil lidera transferências internacionais de jogadores em 2024. 2024. Disponível em: https://www.infomoney.com.br. Acesso em: 12 abr. 2026.

INDEED. Salário de jogador de futebol no Brasil. 2024. Disponível em: https://br.indeed.com. Acesso em: 12 abr. 2026.

MARTINS, Mariana Zuaneti; REIS, Heloisa. O mercado de trabalho no futebol brasileiro: Crescimento e desigualdades salariais e regionais. São Paulo: Revista Sociedade e Estado. Vol. 40; N°3. Ano, 2025.

MARX, Karl. *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MÉSZÁROS, István. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2011.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. *Relatório anual 2023*. Porto Alegre: Observatório, 2024.

PRONI, Marcelo Weishaupt. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. Campinas: UNICAMP, 1998.

QUERO BOLSA. Quanto ganha um jogador de futebol no Brasil. 2024. Disponível em: https://querobolsa.com.br. Acesso em: 12 abr. 2026.

SIMSON, Vyv; JENNINGS, Andrew. *Os senhores dos anéis: poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas modernas*. São Paulo: Best Seller, 1992.

SPORTINGBET. Distribuição salarial dos jogadores no Brasil. 2024. Disponível em: https://www.sportingbet.com. Acesso em: 12 abr. 2026.

SPORTS VALUE. Finanças dos clubes brasileiros em 2024. 2024. Disponível em: https://www.sportsvalue.com.br. Acesso em: 12 abr. 2026.

CNN BRASIL. Ranking de gastos com salários no futebol brasileiro. 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br. Acesso em: 12 abr. 2026.

ARENA EC. Maiores salários do futebol brasileiro em 2025. 2025. Disponível em: https://blog.arenaec.com. Acesso em: 12 abr. 2026.

FOLHA DO BICO. Crescimento dos salários no futebol e desigualdade social. 2024. Disponível em: https://www.folhadobico.com.br. Acesso em: 12 abr. 2026.